nismo. São Paulo, 2003.

BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 05 de outubro de 1988. Brasília, 1988.

BRASIL. MEC, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB 9394, de 20 de dezembro de 1996.

Brasil. MEC. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. MEC. SEF. Parâmetros curriculares nacionais (1ª a 4ª Séries): Arte. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto,

Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: il.

SAVIANI, Dermeval. História das ideias pedagógicas no Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

TIBOLA, Ivanilde Maria. Arte, cultura, educação e trabalho. Brasília Federação Nacional das APAES, 2001. 64 p.

EDUCAÇÃO INFANTIL: DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM PELA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

JOELMA ROCHA DE CARVALHO

RESUMO

A educação infantil atualmente se orienta por uma função pedagógica que diante desse contexto, entende-se que essa etapa da educação básica desempenha papel fundamental no processo de ensino da leitura e da escrita das crianças, pois é um processo de construção de conhecimento inerente à infância, não podendo ser ignorado pela instituição escolar. Uma prática pedagógica é uma prática social realizada entre sujeitos, constitui-se na e com a linguagem em todas as suas formas verbais, não verbais, multimodais. O trabalho realizado na pré-escola deve, assim, considerar o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita num processo de inserção no contexto das práticas sociais. A Educação Infantil tem que se preocupar em proporcionar um ambiente alfabetizador, apresentando o mundo letrado através de histórias e imagens, apresentar as vogais, números, noções de grandezas e medidas tudo com uma metodologia lúdica com músicas, brincadeiras de uma maneira agradável que despertam o interesse da criança, mas, jamais exigir que a criança saiba de tudo. A Educação Infantil tem um papel importante a assumir na inserção das crianças na cultura escrita, na formação de leitores e de usuários competentes da linguagem escrita, entendendo esses aspectos como produção de cultura e defendendo o direi-

to das crianças à cultura letrada.

Palavras-Chave: Alfabetização. Educação Infantil. Letramento.

INTRODUÇÃO

São muitas aprendizagens que estão vinculadas na educação infantil, voltadas para o desenvolvimento da criança e a linguagem tem um papel decisivo, que vai se estendendo em fase consecutivas, e se for bem trabalhado na infância, de modo que envolva ela para o campo social, a criança se alfabetizará facilmente e fará o uso da leitura e da escrita com clareza.

A justificativa do tema surgiu devido a observação que muitas creches e préescolas ficam fundamentadas em brincadeiras sem intuito construtivo de alguma aprendizagem, no qual quando se pensa em linguagem, não se pensa somente no aprimoramento da fala, mas tudo que está envolvido no jogo comunicativo.

Deste modo, o trabalho pode oferecer ideias ao pedagogo de que alfabetizar na infância é necessário, mas que isso ocorra de acordo com o universo da criança, respeitando o limite de cada criança, utilizando formas metodológicas de acordo.

Santos (2010) relata que contribuir para o processo de alfabetização na escola envolve não apenas o ensinar a ler e a escrever letras, palavras, frases e textos, ainda que com usos sociais, como bilhetes, cartas, receitas e poemas, envolvendo o trabalho de leitura, interpretação e escrita das mais diferentes linguagens.

Desta forma, como o professor da educação infantil pode atribuir alfabetização e letramento nas suas práticas educativas?

O objetivo geral do trabalho é analisar formas de trabalhar a linguagem na infância pela alfabetização e letramento e como objetivo específicos é verificar o sentido de linguagem na educação infantil; analisar conceitos da leitura e da escrita dentro do universo escolar e verificar possibilidades de alfabetizar letrando na infância.

A metodologia é uma pesquisa bibliográfica exploratória dentro de artigos, livros, revistas, feito buscas dentro do tema alfabetização e letramento na educação infantil, contando com a colaboração de Faraco (2012), Micotti (2012), Brandão e Rosa (20120, entre outros.

DESENVOLVIMENTO

EDUCAÇÃO INFANTIL E A LINGUAGEM

Silva e Rodrigues (2011) relata que a educação infantil atualmente se orienta por uma função pedagógica que diante desse contexto, entende-se que essa etapa da educação básica desempenha papel fundamental no processo de ensino da leitura e da escrita das crianças, pois é um processo de construção de conhecimento inerente à infância, não podendo ser ignorado pela instituição escolar.

Com isso, a educação infantil atualmente é oferecida em creches para as crianças de até 3 anos e, em seguida, em pré-escolas para aquelas de 4 e 5 anos de idade. (SILVA; RODRIGUES, 2011, p. 5).

Nessa perspectiva, Silva e Rodrigues (2011) considera que as contribuições,

tanto da creche quanto da pré-escola, ao desenvolvimento da alfabetização e do letramento de seus alunos, são indiscutíveis a atuação do educador infantil de modo a contribuir para a formação de sujeitos que saibam ler e escrever com autonomia, isto é, capazes de fazer o uso competente dessas habilidades de acordo com as demandas sociais.

O dever dos professores já na Educação Infantil em oferecer um espaço de acesso a leitura e escrita, ao ler uma história para as crianças e depois pedir para que desenhe a história que ouviu já estaremos apresentando o mundo da escrita, a criança entenderá a função das letras e alimentará a curiosidade dela quanto ao mundo das letras. Já na educação infantil, oferecer um espaço de acesso à leitura e escrita, para que os pequenos, também possam aprender o que é o mundo escrito (GONTIJO, 2018, p. 11).

Araújo (2017) coloca que a Educação Infantil é a etapa inicial do processo de escolarização em que os primeiros contatos com as diferentes linguagens se dão de modo específico a essa faixa etária, mas sem descuidar das diversas aprendizagens socioculturais que precisam ser favorecidas e ampliadas, de forma contínua e integrada, e que incluem, a linguagem escrita, nos quais há perspectivas quanto ao brincar e ao aprender como ações articuladas na infância, que permitem desfazermos a dicotomia mal colocada entre ler, escrever e brincar na Educação Infantil.

Logo, Araújo (2017) relata que se a linguagem escrita diz respeito às crianças e lhes interessa, se elas aspiram aos conhecimentos que dizem respeito a sua cultura, a questão é, então, refletir sobre como apresentar a linguagem escrita respeitando a cultura da infância, os modos próprios de as crianças aprenderem, propondo situações nas quais ler e escrever tenha sentido para elas, de forma sistemática, planejada e intencional.

Tedeschi (2007) coloca que é fundamental saber como a linguagem oral e escrita se desenvolvem na criança e qual a diferença entre elas, no qual a competência de um professor alfabetizador deve apoiar-se nos conhecimentos da psicolinguística e da formação do sistema de escrita que possui, sendo preciso saber como a criança aprende a ler e a escrever e a tomar as dificuldades como desafio a ser vencido, e isto só será possível a partir do momento em que o professor refletir sobre sua prática e, em consequência, ousar transformá-la.

A leitura e a escrita na educação infantil, a meu ver, deve ser um trabalho que além de desafiador para a criança, seja prazeroso, voltada muito mais para a descoberta da função, da utilidade da linguagem escrita no mundo social do que para a busca de uma escrita correta nesse momento. Acredito ser importante o trabalho de alfabetização caminhar lado a lado com o letramento. É preciso que as crianças entendam que a leitura é comunicação e por isso tem que se buscar o sentido das palavras que substituem objetos ou ações (TEDESCHI, 2007, p. 90).

Assim, Silva (2010) coloca que a interação entre as crianças e o professor proporcionada por atividades de linguagem atende a um dos eixos da Educação Infantil de extrema relevância para a aprendizagem, porque a mesma propor-

ciona momentos de troca de experiências, de culturas e vivências, por isso, a interação é de grande valia, mas, esse processo nem sempre é fácil, podendo haver enfrentamentos e é preciso que o professor adapte sua prática a partir da realidade e necessidades de seus alunos.

Mas, conforme Silva (2010) no chamado modelo tradicional, a escrita é entendida como simples representação da linguagem oral, ou seja, como mera codificação da fala, surgindo o processo de alfabetização escolar a ficar reduzido ao ensino do código alfabético, centrado na mecânica da leitura e da escrita.

Assim, Brasil (2016) coloca que as práticas com a linguagem oral e com a linguagem escrita a serem efetivadas na Educação Infantil, pensadas a partir dessa perspectiva, consideram as interações verbais, tanto na modalidade oral quanto na escrita, como um fenômeno social que ocorre a partir das condições concretas de vida das crianças.

Nesse contexto, letrar é mais que alfabetizar, visto que a alfabetização se desenvolve em um contexto de letramento com o início da aprendizagem da escrita, com o desenvolvimento de habilidades de uso da leitura e da escrita nas práticas sociais. Alfabetizar letrando é ensinar a ler e escrever o mundo, ou seja, no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, tendo em vista que a linguagem é um fenômeno social. (SILVA, 2010, p. 41).

Deste modo, Brasil (2016) coloca que isso significa, em outras palavras, reconhecer que as crianças se constituem como seres de linguagem, nas interações que estabelecem com o mundo, no qual uma prática pedagógica pautada nessa perspectiva discursiva de apropriação da linguagem verbal exige não apenas conhecer os usos que os meninos e as meninas fazem da linguagem oral e da linguagem escrita, dentro e fora das instituições educativas, no seu cotidiano, mas, sobretudo, significa incorporar esses usos no planejamento didático e nas situações de aprendizagem a serem propostas.

Uma prática pedagógica é uma prática social realizada entre sujeitos, constitui-se na e com a linguagem em todas as suas formas verbais, não verbais, multimodais: palavras, contra palavras, ditos, presumidos, silêncios, imagens, gestos e expressões. A partir das escutas, os interlocutores – professoras e crianças – organizam respostas possíveis, conforme as condições que cada contexto enunciativo dispõe e possibilita. É possível e necessário planejar as propostas pedagógicas, pela própria natureza intencional da educação. Entretanto, é no campo das interações, no espaço relacional que se institui em cada ato enunciativo, que são tecidos os sentidos e estabilizados significados partilhados (BRASIL, 2016, p. 20).

Assim, conforme Brasil (2016) não há dúvida de que não é mais possível olhar as produções escritas das crianças sem ver as tentativas de aproximação e de apropriação da linguagem escrita, cabendo à Educação Infantil se valer das contribuições das pesquisas e criar situações significativas de leitura e produção de texto, nas quais as crianças possam escrever de forma espontânea, revelar seus pensamentos e hipóteses e confrontá-los com informações e convenções, em processos interlocutivos, no qual a professo-

ra exerce um papel fundamental nesses processos, não apenas por ter domínio da escrita, mas também por poder elaborar perguntas que favoreçam o confronto, que questionem as hipóteses, que façam as crianças pensar.

É na linguagem que as crianças desenvolvem sua experiência vital, que dão sentido ao seu entorno e a si próprias. (BRASIL, 2016, p. 61).

As crianças aprendem linguagem a partir da linguagem que escutam, ou seja, das palavras, expressões e formas de comunicação usadas pelos seus interlocutores. (BRASIL, 2016, p. 63).

Silva (2011) coloca que o desenvolvimento de algumas atividades que possibilitam inserir as crianças em um contexto amplo, rico, fecundo e permeado de múltiplas linguagens, as quais, automaticamente, as levarão para a linguagem escrita, é essencial na educação infantil e, portanto, na pré-escola.

Assim, na educação infantil, conforme Silva (2011), a leitura e a escrita devem permanecer intimamente relacionadas à oralidade e às experiências culturais das crianças, fazendo que a aquisição do código escrito seja compreendida como atividade de expressão, comunicação e registro de experiências.

Silva (2011) considera que o trabalho realizado na pré-escola deve, assim, considerar o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita num processo de inserção no contexto das práticas sociais. Isso remete ao questionamento das concepções de alfabetização e letramento das educadoras, pois elas determinam o seu fazer pedagógico e, com isso, a proeminência desses processos na aprendizagem infantil.

Portanto, o letramento e a alfabetização estão presentes nas atividades que permeiam toda a educação infantil, de modo específico na pré-escola. Cabe à educadora infantil perceber a complexidade desses processos, de modo a refletir em sua prática pedagógica sobre a presença desses instrumentos. E, ainda, compreender o trabalho a ser desenvolvido em torno desses processos nessa modalidade de ensino (SILVA, 2011, p. 11).

Deste modo, Gontijo (2018) coloca que infelizmente, no Brasil existem muitas pessoas que não sabe ler e nem escrever, outras que sabe ler e sabe escrever, porém não compreende o que lê, e existem aqueles que sabem ler, escrever, entende o que ler, porém não consegue produzir um texto.

A LEITURA E A ESCRITA NA ESCOLA

Segundo Santos (2010) a escola é um território em movimento, não um território estático, habitado por diferentes sujeitos que vivenciam ao mesmo tempo semelhantes e diferentes situações, que se produzem e se reproduzem no desenrolar do cotidiano escolar.

Ressalta-se que a escola é uma instituição social, e como tal tem sua função pautada no desenvolvimento das potencialidades físicas, cognitivas e afetivas dos alunos, através da aprendizagem dos conteúdos entendidos como: conhecimentos, habilidades, procedimentos, atitudes e valores. Esse conjunto de conhecimento por sua vez não pode ser trabalhado de forma fragmentada, descontextualizada, mas de

maneira contextualizada possibilitando ao educando o desenvolvimento de suas capacidades, o que por sua vez favorece a construção de cidadãos mais participativos no meio em que vivem. (SILVA, 2020, p. 13).

Alfabetizar não é um trabalho simples e fácil, ao contrário, ao se alfabetizar, além de tornar a criança capaz de ler e escrever é preciso também envolvê-la nas práticas sociais da leitura e escrita de modo que aprendam a fazer uso delas. (TEDESCHI, 2007, p. 15).

Assim, conforme Tedeschi (2007) é preciso que o professor alfabetizador domine conhecimentos específicos referentes à construção da escrita e leitura pela criança a fim de que possa efetivamente auxiliá-la neste processo, sendo necessário que ele tenha, antes de tudo, o domínio do conceito de alfabetização e de letramento, que saiba diferenciá-los e que consiga garantir as especificidades de cada um dentro do processo de aprendizagem.

Com frequência o termo alfabetização, conforme Tedeschi (2007) é relacionado ao domínio dos procedimentos de leitura e escrita, podendo definir alfabetização como um processo pelo qual as pessoas aprendem a ler e escrever e o letramento refere-se ao uso da leitura e da escrita nas práticas sociais cotidianas.

Assim, conforme Tedeschi (2007) ao se pensar que o aprendizado da leitura e da escrita se estende para além do domínio desse código, sendo essas habilidades (ler e escrever), utilizadas nas diversas práticas sociais vividas pela criança e que o sujeito que aprende a ler e escrever aprende também a fazer uso desse conhecimento, percebo uma extensão do conceito de alfabetização em direção ao conceito do letramento, daí então, faz-se necessário dizer que, embora sejam conceitos relacionados, não se deve fundi-los em um só, mas cada um dos conceitos deve ter suas especificidades garantidas dentro do processo de ensino aprendizagem.

É comum o entendimento do papel da escola, no que se refere ao aprendizado da leitura e escrita, limitar-se à alfabetização, no entanto, sabemos que só o domínio do sistema alfabético de escrita não garante a total inserção da criança no mundo letrado. É preciso ir além do domínio do código escrito, é preciso que a criança conheça as diferentes formas de discurso escrito, como se estruturam, como e quando são usados. É preciso que ela se utilize amplamente da leitura e da escrita no cotidiano e isto vai muito além do escrever ou ler algumas palavras ou frases simples. (TEDESCHI, 2007, p. 27).

Deste modo, Tedeschi (2007) coloca que o aprendizado da escrita demanda, por parte da criança, uma reflexão sobre todos os aspectos que envolvem o processo desde o conhecimento das letras e a consciência das sílabas até a compreensão dos significados das marcas ou sinais que segmentam as orações.

Luciano (2013) coloca que alguns autores dizem que ao relacionar a alfabetização apenas ao ler e escrever, dando ênfase somente ao processo codificação e decodificação, desconsidera-se de que a alfabetização tem que ser vista de modo contínuo e evolutivo, isto é, a aprendizagem e o uso social do ler e escrever vão

se desenvolvendo com o tempo, por isso torna-se desnecessário o uso do termo letramento.

Como a escrita é uma prática sociocultural, incluir nesse brincar elementos da cultura escrita permite aprendizagens sobre as interações comunicativas por meio da escrita. Ao brincarem de casinha, hospital, mercado, as crianças remetem-se a situações do dia a dia em que a escrita se apresenta, como ler um livro ou jornal, tomar nota, preencher fichas, cheques, podem listar, consultar lista de compras, identificar rótulos, passar uma receita médica, apropriando-se dos usos, funções e características das práticas e dos gêneros discursivos envolvidos. (ARAÚJO, 2017, p. 357).

Silva (2011) coloca que a alfabetização pode ser entendida, então, como a aprendizagem da leitura e da escrita, ela refere-se ao processo de apropriação e compreensão do sistema de escrita que leva o aluno a ler e a escrever com autonomia, no qual o letramento, por sua vez, refere-se à aprendizagem dos usos sociais das atividades de leitura e escrita, quando assim for exigido em determinadas situações, de modo a atender às necessidades demandadas por elas.

Silva (2011) relata que as atividades de alfabetização e letramento, portanto, diferenciam-se, mas devem se desenvolver de forma integrada, ou seja, o desenvolvimento desses processos se dá por meio de atividades específicas referentes a cada um deles, mas que estejam intimamente vinculados de modo que uma complementa o outro.

De alguma forma, Silva (2011) coloca que em nossa sociedade que é permeada pela escrita, essas duas atividades fazem parte do contexto de muitas crianças que convivem, em maior ou menor grau, dependendo de seu meio social, com atividades e material de leitura e escrita e com a convivência, tanto a alfabetização quanto o letramento, são construídos e desenvolvidos antes mesmo de chegarem às instituições de educação infantil.

Assim, mesmo não exercitando uma técnica específica de aprendizagem, em seu meio social e cultural as crianças convivem com material escrito e vivenciam experiências de uso da escrita nos mais variados contextos. Com isso, favorecem a construção do conhecimento em torno do código oral e escrito e o seu uso nas diversas ações cotidianas (SILVA, 2011, p. 8).

Assim, Silva (2011) coloca que esse contato com a leitura e a escrita, bem como a oportunidade que as crianças têm de vivenciar as suas utilidades e funções nos diversos meios onde se inserem, constitui eventos de letramento, no qual favorece o desenvolvimento das habilidades relativas a esse processo, considerando-se não apenas a experiência e o contato com material de leitura e escrita, mas também a mediação entre esses e as crianças.

Faraco (2012) coloca que a criança começa entender as enunciações da sua língua antes de começar a falar, sendo a produção verbal no início constituído de enunciado de um elemento, passando a produzir enunciado com dois constituintes, chegando uma fase de produzir três elementos até chegar ao momento, através dos procedimentos cognitivos que ela começa a produzir todos os elementos,

mais ou menos por volta dos dois anos.

Gontijo (2018) coloca que quando o aluno não possui o alicerce para alfabetização, que é esse processo de preparar a criança para ser alfabetizada de apresentá-la para esse mundo letrado, pode ser que este aluno futuramente tenha dificuldades em aprender a ler e escrever de ser alfabetizado, o que muitas vezes mesmo com essa dificuldade eles conseguem ler e escrever e outras vezes precisam do apoio de alguém para ajudá-lo de uma professora de apoio/reforço.

Mas, conforme Gontijo (2018) a criança que possui esse alicerce, que já teve o contato com a letra ou mesmo que alguém tenha lido uma história para ela ou que lhe foi apresentado um livro e ela o leu do seu jeito, ou seja, uma criança que já é familiarizada com as letras que de uma forma lúdica conheceu as vogais ela terá mais facilidade em aprender a ler e escrever.

Tedeschi (2007) coloca que o professor adquire esse conhecimento principalmente no cotidiano de seu trabalho enfrentando as dificuldades surgidas, mas esse conhecimento já se manifesta, uma vez que foi adquirido de suas experiências escolares anteriores, na relação com seus professores e retrata a imagem do ensino que restou da sua vivência de estudante.

Já com os saberes da experiência, Tedeschi (2007) coloca o professor estabelece uma relação de interioridade, pois este se configura como saber que é construído ao longo de todo o seu trabalho, sendo por meio do saber da experiência que o docente consegue assimilar, compreender e se apropriar dos saberes das disciplinas, dos currículos e dos saberes profissionais, nos quais pode-se considerar o saber da experiência como integrador dos demais saberes e fundamental à prática docente.

O modelo de aprendizagem associado à abordagem tradicional consiste em aprender o ofício do ensino, ou seja, professor formador ensina ao aluno, futuro professor, um conjunto de competências, de atitudes, de técnicas de ensino. Isto tudo é assimilado por meio da observação, da imitação e da prática dirigida. O aluno é um sujeito passivo que recebe informações técnicas dos procedimentos do ensino. (TEDESCHI, 2007, p. 58).

Deste modo, Tedeschi (2007) coloca que o professor formado na perspectiva de ser um profissional que investiga, busca alternativas, que toma decisões, resolve problemas por meio da reflexão na prática e sobre a prática, é considerado um profissional aberto a mudanças, flexível, autocrítico, que possui um domínio de competências cognitivas e relacionais, que reflete antes, durante e depois do agir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que alfabetizar na infância não significa tratar isso como algo forçado na linguagem da criança, mas algo prazeroso, que ocorre através das brincadeiras, por desenhos, pela escuta de histórias, entre outros. A linguagem é fundamental para comunicação, já faz parte do aprendizado da criança desde que nasce, com a linguagem oral, depois a criança começa conciliar a fala com a escrita.

O desenvolvimento da alfabetização e do letramento dos alunos, tanto da cre-

che quanto da pré-escola, deve contribuir para a formação de sujeitos que saibam ler e escrever com autonomia, isto é, capazes de fazer o uso competente dessas habilidades de acordo com as demandas sociais. O dever dos professores já na Educação Infantil em oferecer um espaço de acesso a leitura e escrita, ao ler uma história para as crianças e depois pedir para que desenhe a história que ouviu, já está sendo apresentado o mundo da escrita, a criança entenderá a função das letras e alimentará a curiosidade dela quanto ao mundo das letras. Já na educação infantil, oferecer um espaço de acesso à leitura e escrita, para que os pequenos, também possam aprender o que é o mundo escrito.

A Educação Infantil é a etapa inicial do processo de escolarização em que os primeiros contatos com as diferentes linguagens se dão de modo específico a essa faixa etária, mas sem descuidar das diversas aprendizagens socioculturais que precisam ser favorecidas e ampliadas, de forma contínua e integrada, e que incluem, a linguagem escrita, nos quais há perspectivas quanto ao brincar e ao aprender como ações articuladas na infância, que permitem desfazermos a dicotomia mal colocada entre ler, escrever e brincar na Educação Infantil.

A leitura e a escrita na educação infantil, deve ser um trabalho que além de desafiador para a criança, seja prazeroso, voltada muito mais para a descoberta da função, da utilidade da linguagem escrita no mundo social do que para a busca de uma escrita correta nesse momento, ou seja, letrar é mais que alfabetizar, visto que a alfabetização se desenvolve em um contexto de letramento com o início da aprendizagem da escrita, com o desenvolvimento de habilidades de uso da leitura e da escrita nas práticas sociais.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Liane Castro de. Ler, escrever e brincar na educação infantil: uma dicotomia mal colocada. Revista Contemporânea de Educação, vol. 12, 2017.

FARACO, Carlos A. Linguagem escrita e alfabetização. São Paulo: Contexto, 2012.

SANTOS, Giselle Mendes dos. O Processo de Alfabetização na Educação Infantil: Percursos de uma Professora-Pesquisadora. São Gonçalo: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2010.

SILVA, Letícia Aparecida de Oliveira; RODRIGUES, Renata Rena. Letramento e alfabetização na educação infantil: concepções e práticas de educadoras do préescolar de ouro preto-MG. Revista Brasileira de Economia Doméstica, Viçosa, v. 22, n.1, p. 25-45, 2011.

TEDESCHI, Jane Mary de Paula Pinheiro. A Professora de Educação Infantil e a Alfabetização: Relação Entre a Teoria e a Prática. Campo Grande – MS:

Universidade Católica Dom Bosco, 200